

# humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE  
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA  
MCMLVII-VIII

## c) Edição de André Pasta (1), 1808, Coimbra:

Vita brevis, ars longa, occasio praeceps, experimentum periculosum, iudicium difficile. Nec solum se ipsum praestare oportet opportuna facientem, sed et aegrum, et assidentes, et exteriora (2).

Para terminar, aqui ficam os nossos cordialíssimos cumprimentos ao primeiro tradutor dos *Aforismos* de Hipócrates no Brasil, Prof. Leduar de Assis Rocha.

Luís DE PINA

**Anacreon** edidit BRUNO GENTILI. [Lyricorum Graecorum Quae exstant : II, 3.] Romae in Aedibus Athenaei, MCMLVIII. — Em contra-rostro : BRUNO GENTILI, **Anacreonte**. Introduzione, testo critico, traduzione, studio sui frammenti papiracei. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1958. xliiii-219 pp.

Vive ainda a filologia clássica! Tome-se este livro, percorram-se atentamente algumas das suas páginas — e a exclamação brotará espontânea, irreprimível. Raras vezes, de facto, uma edição crítica nos dá, como o *Anacreonte* de Bruno Gentili, um sentimento tão profundo de satisfação pelo rigor do método empregado, a propriedade e elegância da forma adquirida, o esmero da apresentação gráfica.

Tudo é provisório, tudo instável na recomposição do texto dos líricos arcaicos: mas esta longa fadiga do mestre italiano não será baldada — antes dela partirão, de ora avante, como peça essencial da sua documentação, os estudiosos do primeiro poeta que soube fundir «as novas formas dionisíacas de vida com o ideal antigo da χάρις e da ἀβρότης iónica» (p. xxivj. Em primeiro lugar, porque a sua edição

(1) Deste ilustre médico de Bérgamo, que viveu de 1706 a 1782, existem comentários aos *Aforismos* de Hipócrates em edições de 1750 e 1841.

(2) Este primeiro aforismo tem sido referido e glosado fartamente, em todos os tempos. O médico português Manuel Gomes escreveu *De que el aforismo primero de Hipocrates vita brevis... sirve a la milicia como a la medicina* (1643); e Adalberto Pazzini, professor de Historia da Medicina em Roma, publicou em 1953 um valioso *Commento al primo aforismo d'Ippocrate* («Minerva medica», 1, 21).

é completa: a única integral e verdadeiramente actualizada de Anacreonte, com todos os fragmentos de transmissão indirecta, todos os fragmentos papiráceos conhecidos (ainda os mais recentes), todas as glosas e todos os testemunhos (sem exclusão dos relativos à métrica do poeta). Em segundo lugar, porque é perfeita — quanto nas forças humanas cabe : uma introdução límpida e bem documentada, com muitos pontos de vista originais sobre a arrumação do texto anacreóntico nas edições alexandrinas (mínimo de nove, máximo de dez livros — e não cinco apenas, como geralmente se supõe); uma bibliografia criteriosa e amplíssima, que abrange nada menos de cento e oitenta e nove números <sup>1</sup> ; um texto de confiança, produto de amadurecido estudo e penetrante sensibilidade, esteado já — para a revisão, ordem e disposição dos fragmentos — «no contributo dos novos papiros anacreónticos, que revelam os critérios seguidos pelos gramáticos alexandrinos na edição dos carmes do poeta» (p. v); um aparato sólido e extenso, copioso de remissões e referências, que vale, na maioria dos casos, por um inteiro comentário<sup>2</sup>; uma análise prosódica e métrica exaustivas; uma tábua tríplice de correspondências com as edições de Bergk e de Diehl; um *index uerborum* total, e cuidadosamente elaborado; uma tradução harmoniosa e precisa, fiel (à parte um número diminuto de casos) à palavra e ao tom poético do original <sup>3</sup>; e, por fim, em apêndice, um estudo pro-

<sup>1</sup> Estranha-se não ver citadas, na rubrica *editiones* — em que figuram antologias escolares como as de Lavagnini e Del Grande —, a excelente *Polinnia* de Perrotta e do próprio Gentili (que a p. xxxv menciona, contudo, alguns dos seus trabalhos), e a formosa colectânea de Pontani, *Pleiadi*.

<sup>2</sup> «O aparato crítico está dividido, regra geral, em três secções: a primeira compreende os testemunhos pertinentes ao fragmento, ordenados, segundo a oportunidade e a conveniência, isto é, quando necessário, segundo a importância da citação, ou então segundo o critério cronológico; a segunda respeita à interpretação e valor crítico do fragmento; a terceira compreende as variantes textuais e as referências linguísticas e estilísticas necessárias à inteligência do texto. Nesta secção adoptei o método do aparato «negativo»: e a ele só raras vezes renunciei, por motivo de maior clareza.» (p. v.)

<sup>3</sup> Discordamos, porém, da sua colocação no final — não apenas depois do texto, como até depois dos *Prosodia et metra*, dos *Numerorum tabellae* e do *Index uerborum!* Terá inconvenientes a disposição característica das edições «Les Belles Lettres» — mas é ainda a mais cómoda.

A tradução, em duas dezenas de casos, vem anotada: uma ou outra das observações — em edição como a presente, de carácter científico — teria sido dispensável : assim a de 1, que se lê em todas as edições escolares do poeta, e as de 45, 128, 150.

fundo dos fragmentos papiráceos <sup>4</sup>. Em terceiro lugar, porque é materialmente bela: caracteres de urna fresca tipográfica admirável, composição arejada e enxuta, impressão nítida, papel de excelente qualidade <sup>5</sup>. A nobreza, o apuro, a sobriedade das melhores edições clássicas de Inglaterra. Uma obra digna do autor da *Metrica graeca arcaica* e dos *Studi bacchilidei*.

Compreende-se, todavia, que, em matéria tão opinável como é a edição de um autor clássico, e a sua interpretação, algumas dúvidas e dissentimentos se possam sempre exprimir. Sem preocupações de crítica exaustiva — que, em muitos casos, para mais, estariam fora do nosso alcance —, daremos algumas notas sucintas de leitura.

Nenhuma objecção de relevo sobre o texto. Simplesmente teríamos eliminado quase todos os epigramas duvidosos (que Gentili assinala com <sup>o</sup>), e todos os espúrios (marcados com <sup>00</sup>): nada se ganha, com efeito, em obsequiar uma tradição mal-avisada. Se os epigramas são apócrifos, de que serve associá-los ao bloco dos autênticos? Querendo, por escrúpulo, inserir alguns dos incertos, mais valia — como faz o editor para os frgs. 186-190 — agrupá-los na secção dos *Dubia* <sup>6</sup>.

No frg. 31 (41 Diehl), Gentili aceita a correcção *λατάζων*, proposta por Wilamowitz e aprovada por Crusius. *παίζων* de Bergk, embora menos «elegante» (p. 25), era todavia mais fiel à lição *δαίζων* do códice A. Quem pode assegurar que Anacreonte preferisse realmente a palavra técnica? — Em 58 (98), pelo contrário, adopta *Θρηϊκίης* < *παιδός* > de Bergk, em vez de < *πόλων* >, que o mesmo erudito, impressionado sem dúvida com o paralelo de 78 (88) *πόλε Θρηϊκή*, depois propusera (*Poet. ly r. Gr.*<sup>4</sup>). Quer-nos parecer, todavia, que a reconsideração do professor germânico não era de enjeitar: para mais, a ambivalência de *πόλος* ‘poldra’ e ‘hetera’ (cf. a glosa de Hesiquio *πόλος" εταιρα, πόλους γάρ αὐτάς ελεγον, οίον* <sup>5</sup>*Αφροδίτης*) deve ter sido grata a Anacreonte (releiam-se, a este propósito, as considerações do próprio Gentili no seu estudo sobre o frg. 60, pp. 186-192; e cf. Del

<sup>4</sup> Ali se republica (pp. 179-194), actualizado, o estudo de Gentili sobre o frg. 60 («Maia», 8, 1956, pp. 182-196). Com argumentos linguísticos, estilísticos e literários em nosso entender convincentes, o A. demonstra (pp. 206-218) a autenticidade, negada por Gallavotti, dos frgs. 71 e 72 recentemente descobertos (Pap. Oxyrh. 2322, 1,1-10 e 11-19).

<sup>5</sup> Apresentação gráfica superior à das meritórias edições da *Colección Hispánica de Autores Griegos y Latinos*, há pouco iniciada.

<sup>6</sup> Convém, no entanto, esclarecer que é diminuto o número de epigramas francamente espúrios admitidos por Gentili: apenas quatro (195, 197, 205 e 206). Mas alguns dos duvidosos não têm maior autoridade,

Grande, *Φόρμυξ*, p. 203). — O suplemento *όμάδ/ωι* do frg. 60 (Pap. Oxyrh. 2321,1) deduzido com felicidade de O 689, é muito verosímil, e melhor que *προβύρ/ωι* de Gallavotti, *δνοφερ/ώι* de Peek (apresentado, de resto, *ex. gr.*) e *προδρόμ/ωι* de Merkelbach — todos, de resto, superiores, pelo número de letras, ao espaço disponível no papiro. Entretanto, a despeito da sua probabilidade, deve reputar-se conjectura, e não aquisição : conjectura fundada e bem digna, claro está, de figurar no aparato crítico, mas não no próprio texto de Anacreonte. — A lição de 98 (68) perdura incerta: <Cτις> de Bergk (que primeiro sugeriu γάρ, depois εφ') tem valor meramente «indicativo»: melhor resignar-se a ignorar, deixando o claro (como em 22 (32), 1, por exemplo). — *προς ίππους* do frg. 117 (20) tem todo o ar de glosa abusivamente introduzida no texto, e bem andou Hartung em suprimi-la (Gentili, na dúvida, escreve {προς ίππους^}).

A preocupação do ritmo causou certas dificuldades ao tradutor que, algumas vezes, se viu obrigado a aceitar transposições da ordem das palavras do original (e esta, sendo um estilema, podia e devia — em italiano como em português e em espanhol — ser quase sempre conservada) <sup>7</sup>, e a preferir o termo «genérico» ao termo mais preciso. Uma ou outra equivalência será, para o nosso gosto, mais anémica do que requeria o contexto: raramente, porém, se pode falar de verdadeira incorrecção.

Frg. 1 (1),5: *δίναι* não vale, a rigor, 'correntes', mas sim 'remoinhos', 'torvelinhos', 'voragens', 'sorvedouros'. E não é de supor que, na ode clética a Ártemis Leucofriene — a deusa-serenidade erguida sobre o revolto abismo —, se trate precisamente de um emprego descolorido <sup>8</sup>. No v. 8, a equivalência literal *ποιμαίνεις* 'pastoreias' (em vez de 'guias') andaria melhor entoada com a vizinhança de *ανήμερος*.

3 (9),1: *τρις κεκορημένε* «três vezes sulcado» é versão muito convencional, *ad usum Delphini*... E, como tal, defeituosa (*κορέω*, de resto, não significa 'arar, sulcar', mas sim 'varrer', 'desencardir').

6 (13): *Λευκίππης επιδίνεαι* exprime bem mais que um simples «tu pensas em Leucipe». O poeta alude (notar a construção partitiva, não registada, por sinal, nos dicionários de Bailly e Liddell-Scott) a uma verdadeira obsessão : «tu em Leucipe (sem cessar) *ruminas*», isto é, «tu andas por Leucipe enfeitizado».

7 (6),2. Quando se lê *μεις μεν δη Ποσιδηϊών / εστηκεν, νεφέλας δ'ύδωρ /*

<sup>7</sup> Assim 1 (1), 36 (44). Nalguns casos, a alteração da ordem do original foi compensada com vários expedientes (cf., por ex., o próprio frg. 1).

<sup>8</sup> Mesma tradução inexacta em *Polinnia*, p. 231. Romagnoli, porém, correctamente (*Il libro della poesia greca*, p. 115): 'i flutti vorticosi'.

*βαρύνει*, etc., sente-se imediatamente que, para dar *εστηκεν* com o devido relevo, não basta escrever um neutro ‘έ’ (valorizado embora pela posição à testa da frase), mas algo como ‘já (no horizonte) se perfila’, ‘ei-lo que está presente’ (ou ‘sobre-vém’) <sup>9</sup>. Estranha-se que, perante a nova lição do v. 3 *βαρύνει, βαρύ ός...*, o A. não procurasse reproduzir o jogo etimológico: «pesa, e pesadamente...».

8 (16),2. Tem certamente razão o editor em observar que *περιφόρητος* não deve entender-se ‘in lectica circumlatus’ (tal é ainda a opinião de Del Grande, *Φόρμιγς*, [1957], p. 211): mas traduzi-lo só por ‘afamado’, sem uma gota de veneno — quando a palavra se aplica a Ártemon, o miserável vilão enriquecido do frg. 82 (54), e tem, na sua enfática ressonância, um valor, digamos, sesquipedal (‘decantado’, ‘trombeteado’) — é manifesto empobrecimento.

13 (5),5. *εἰκτιτος* está mal vertido por ‘bela’, que tem, para mais, o inconveniente de criar com *Lesbos* (<*άπ εύκτιτον / Λέσβου* «de Lesbó òela») uma aliteração que não está no original.

26 (46). Também *αμωμον άνθος* não é «*belíssima flor*», mas «*flor imareada*».

28 (39) : *επιθήθη* : melhor do que ‘tem medo’ seria de dizer ‘se sente espavorida’.

33 (43),1. Não traduziu o *αγε δη* inicial, ao contrário do que faz com o *αγε δηύτε* do v. 7.

36 (44),9-10. Só exigências de ritmo podem justificar que *Αίδεω μυχός* «o arcano do *Hades*» seja traduzido por «dos *Infernos* o recesso». Não se vê porque *άργαλέη* deva ser ‘funesta’ e não ‘penosa’ (‘difficult of attainment’, Liddell-Scott), nem por que motivo o A. descurou a aliteração *θαμά Τάρταρον δεδοϊκός* (v. 8), «no *te* mor constan/e do *Tártaro*».

43 (40),2. Mais uma vez o genérico epíteto ‘belo’ serve à tradução de uma palavra de sentido mais preciso: *ραδινούς... μηρούς* é «esguias (esbeltas, flexíveis) pernas» (lat. *teretes surae*), como observa, de resto, Bruno Gentili a propósito do frg. 137 [165 Bergk] *ραδινούς πόλους*, rectamente interpretado por «ágeis (ou esbeltas) poldras».

56 (96),3. Os «*belos dons*» de Afrodite (*αγλαά δώρ\* Αφροδίτης*) são, na realidade, as suas «*dádivas esplêndidas*». E, no verso seguinte, *μνήσκειται* tem a acepção normal de ‘evoca’ (assim em *Polinnia*, p. 252), e não a de ‘canta’.

60 (Pap. Oxyrh., 2321, 1),1δ: *λεωφλόρε, λεωφόρ* <sup>9</sup>*Ηρο[τ]ίμη*: por muito que se apoie na sugestão do homérico *λαοφόρον οδόν* (O, 682), a tradução «ó frequentada,

<sup>9</sup> Mesma tradução (‘έ’) aconselhada em *Polinnia*, p. 235. Romagnoli, pelo contrário (*ob. cit.*, p. 113): ‘incombe’. Possível também, embora mais «prosaica» (cf., no entanto, Quasimodo, *Liriei Greei* <sup>4</sup>, p. 71), a tradução ‘começou’, já que *μείς ιστάμενος* se chamava a primeira década do mês no calendário ático.

frequentada Herotíma» (uma novel e salaz hetera) será sempre algo dessaborida (cf. o comentário do próprio Gentili no apêndice, pp. 191-192).

164 [158]: *μανιόκηπος*. A equivalência 'greta aluada' («soleo smanioso», apodo de uma meretriz: cf. *πανδοσία* 163 [156] e *πολύρμνος* 165 [159]) só seria legítima se o segundo elemento da palavra fosse *διασφάξ* (*διάσφαγμα*), *ραγάς*, *σχίσμα* (lat. *rima*), e não *κήπος*, que, como *λειμών* (Eur., *Cycl*, 171) e *πεδίων* (Aristóf., *Lys.*, 88), sugere uma ideia diversa — a do *hortus* ou *campus muliebris*.

Mas a par destas, ou de quaisquer outras traduções «atenuadas» ou defeituosas — quantos acertos, quantas correspondências sóbrias e perfeitas! 1º Gentili conhece, como poucos, o seu mester: e vivamente desejamos que — tão bem iniciada a série *Lyricorum Graecorum Quae exstant*<sup>11</sup> — não tarde a dar-nos outras demonstrações da sua clarividência e do seu saber<sup>12</sup>.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

<sup>10</sup> Vejam-se, por exemplo, entre tantas outras, as traduções de 13 (5), 14 (2), 15 (4), 36 (44: sem prejuízo dos reparos que fizemos), 71 (Pap. Oxyrh. 2322, 1,1-10), 82 (54) e 95 (18).

H A despeito da referência «II, 3», o *Anacreon* de Bruno Gentili é o primeiro volume até agora aparecido da coleção. Deve sair em breve um *Alemán* de Gallavotti, e provavelmente o *Archilochus* em que Morelli trabalha há largos anos.

<sup>12</sup> É acuradíssima a revisão do volume, em que Gentili foi auxiliado por vários discípulos e professores amigos. No decorrer da leitura, apenas notamos (mas outros haverá fatalmente) dois lapsos: BUCHOLZ por BUCHHOLZ (p. xxxn) e 194 por °194 (p. 172). Escaparam, no entanto, algumas inconseqüências gráficas: *Peitho* (p. 162), *Aithiopia* (165), *Féidola* (173), *thymele* (173, n. 2: passaria, se escrita em itálico); notar ainda *Megiste* (144, 161), mas *Smerdies* (139, 145 n. 2, 155 n., 209).

Não deve esquecer-se, por último, que a edição pôde beneficiar do conselho de estudiosos ilustres como Perrotta, De Falco, Gallavotti, Scevola Mariotti e Latte (p. vi).